

## Capítulo IV

### Diversões

Não se tinham muitas opções de lazer em Monsenhor Tabosa, nas duas primeiras décadas em que lá vivi. Para os adeptos do futebol, contava-se com as “peladas” em campos improvisados, onde se xingava, brigava e machucava-se mais do que jogava. Com o decorrer do tempo, construiu-se um campo de futebol, sem grama e sem arquibancada, em terras do senhor Luis Alves, na Girita e paralelo ao prado, este também improvisado. Não sei a posição que cada jogador ocupava no time, mas lembro-me dos seguintes atletas da época: Jangada, Manoel Mateus (Bacural), Edmilson Almeida, Dadinho, Heldenir, Sabidinho, Zé Martins, Valdir, Josa Michico, Pedro Mateus e outros cujos nomes não me recordo. Nesse novo “estádio” já se jogava com mais seriedade e até se disputava partidas com times de outras cidades, onde uma delas contava com o veterano jogador “Sargento Aracati”.

Em épocas de festa, surgiam os denominados carrosséis, ainda movidos a propulsão humana que fazia a alegria da garotada.

Tinha também os circos que chegavam à cidade, com seus palhaços engraçados, mágicos, trapezistas e outras atrações que propiciavam momentos de alegria e descontração aos espectadores. O espetáculo era precedido de uma caminhada do palhaço pelas ruas da cidade, acompanhado da garotada, quando eram anunciadas as atrações a serem apresentadas. Os garotos que “gritavam” o palhaço eram marcados com um número e não pagavam a entrada.

Um incidente ocorrido entre a administração de um circo e duas conhecidas e conceituadas jovens da sociedade local, fez com que o mesmo deixasse a cidade às pressas, para frustração da garotada e prejuízos para a companhia, o circo. As moças foram acusadas de estarem tentando burlar a segurança e assistir ao espetáculo sem pagar o ingresso. Teriam sido tratadas com impropérios e seus pais, evidentemente, reagiram e impuseram como punição, a retirada imediata do circo, da cidade. Salvo engano, esse fato ocorreu em 1964.

Às vezes chegavam também à cidade, Parques de Diversões, cuja atração principal era a “Roda Gigante”, devido à emoção que causava aos usuários.

Outro fator de diversões da época, era o serviço de auto falante, com muita atuação nos anos 50 e 60, como foi o caso de “A voz da Liberdade” operada inicialmente pelo Imortal Luis Leitão e depois pelo dinâmico Adelmo. Já na década de 60, contavam-se, não mais com a voz da liberdade, mas com a Taboense, operada pelo Eduardo Barbosa, o Dadinho e eventualmente pelo Zé Rosa.

Através desse sistema de comunicação, ouvia-se e oferecia-se músicas, sucessos da época, como: Brasileirinho, Tico-Tico no Fubá, Estrada de Canindé, Escadaria, Pedacinho do Céu, Cabeça Inchada, Cintura Fina, etc, nos anos 50: A Flor do meu Bairro, Deusa do Asfalto, Violão, Enigma, Queixas e Boemia, de Nelson Gonçalves; Balada Triste, de Agostinho dos Santos; Tenho Ciúme de Tudo, de Orlando Dias; Garota

Solitária, de Ângela Maria e a Noite de meu Bem, de Dolores Duran, nos anos 60.

### Os Dramas

Na minha época de adolescente, era comum em Monsenhor Tabosa, a apresentação dos Dramas eventos realizados no Salão Paroquial promovidos por jovens da sociedade, via de regra, com fins beneficentes. Não havia restrições ao seu acesso e era muito apreciado pela população da cidade. As composições dramáticas eram entremeadas de canções, sucessos da época ou não, cantadas por jovens que se apresentavam com um visível potencial artístico.

Em uma dessas apresentações, ouvi pela primeira vez, a música “Feijão Feijão” de autoria de Ivon Curi, na ocasião interpretada pela jovem Heloísa Almeida, hoje esposa do eminente Juiz de Direito, Doutor José Hélder de Mesquita. Heloísa era uma das organizadoras do evento.

Em outra apresentação foi a vez da Maria Helena Teixeira cantar a canção “Casa da Fazenda” cuja primeira estrofe abaixo se vê:

“Não vejo lar tão ditoso,  
Nem tão mimosa vivenda,  
Como a casa da fazenda,  
Onde criança vivi”...

Era também comum nessas ocasiões ouvir-se a voz de Valderez Cavalcante hoje esposa de nosso querido Heldenir Mesquita, entoando a canção “A Deusa do Maracanã”, gravação de Nelson Gonçalves muito tocada nos anos 60.

Havia também as prendas reuniões de pessoas em casas de famílias, com fim específicos de se divertirem em um clima ameno e saudável, o que a sociedade moderna chama de Sarau.